

HAZARD, PAUL. LA CRISE DE CONSCIENCE EUROPÉENNE: 1680-1715. PARIS : FAYARD, 1961.

Dirceu Magri¹

“A maioria dos franceses pensava como Bossuet; de repente, os franceses pensam como Voltaire: isso é uma revolução”², escreve Paul Hazard. O tom atestatório da nota na contracapa já é um aviso ao leitor da singularidade do livro que tem em mãos. O título situa-o no tempo e da assertiva emerge o Século das Luzes, época em que tudo parece se mover, de maneira que fica difícil não pensar em ruptura quando se fala do século XVIII, aquele que ficaria também conhecido como o Século de Voltaire.

As ideias se contradizem, os espíritos ficam mais audaciosos, os Modernos se batem contra os Antigos, o progresso sufoca a tradição e a ciência ganha *status* de fé. A dúvida se move por entre as almas e a razão torna-se uma audácia crítica. Os relatos de viagem alargam as fronteiras da velha Europa, discutem-se a autenticidade dos textos sagrados, questionam-se o divino e só se fala de religião natural, direito natural, morte natural. O homem sonha com uma era de felicidade, mas ninguém quer saber de ser feliz depois, no paraíso tão prometido pela Religião. Não se está mais disposto a esperar: a felicidade tem que ser agora e pode mesmo ser terrena, desde que fundada na razão e na ciência. Em meio a esse imbróglio todo, os filósofos promovem a tolerância.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em Estudos linguísticos, literários e tradutológicos em Francês (FFLCH-USP).

² “La majorité des Français pensait comme Bossuet; tout d’un coup, les Français pensent comme Voltaire: c’est une révolution”.

Publicado em 1935, *La Crise de la conscience européenne* é sem dúvida a obra-prima de Paul Hazard, originário de uma aldeia na região da Flandres francesa, cuja carreira é pontuada por expressiva passagem pela Sorbonne e pelo Collège de France até ser eleito membro da Academia Francesa em 1940, pouco antes da invasão alemã. Morto em 1944, Hazard é um marco na história das literaturas comparadas da Europa meridional e da América Latina e, indiscutivelmente, bibliografia obrigatória para qualquer estudioso do século XVIII.

A obra, dividida em quatro partes, traz conteúdo substancioso e começa por contemplar as “grandes mudanças psicológicas”, período em que o espírito clássico via-se como a própria estabilidade, e a hierarquia, a disciplina, a ordem proporcionada pela autoridade e os dogmas regulavam a vida com constância e firmeza. A fé acreditava-se indissolúvel, intocável. O direito divino era natural: o rei era o rei, e Deus era Deus. Mas no final do século XVII algo começa a mudar e uma agitação intelectual faz com que os sucessores imediatos do *Grand Siècle* comecem a detestar as restrições, a autoridade e os dogmas.

Segundo Hazard, a mola propulsora das mudanças vem de um pouco antes, da Renascença, época em que se tomou o gosto pelas viagens que levaram o homem europeu da estabilidade ao movimento. As viagens mais distantes oxigenaram a Europa influenciando, sobretudo, na evolução das ideias. O “bon sauvage”, com seu comportamento e religião primitivos, é considerado superior ao homem civilizado. Por outro lado, a Reforma não só desestabiliza as estruturas do catolicismo ocidental, como abre a possibilidade de questionar a Igreja, dogmas, o ensino tradicional e a própria fé.

De fato, os idos de 1680, parâmetro indicado por Hazard, já sentiam a influência de Spinoza, que coabita com Malebranche, Fontenelle, Locke, Leibniz, Bossuet, Fénelon, etc., sem falar em Descartes que reinava ainda. À época, esses grandes nomes do pensamento ocidental (cada um a seu modo) ocupavam-se em pensar problemas que inquietavam o homem desde sempre, tais como a existência e a natureza de Deus, a questão do ser e suas aparências, o bem e o mal, a liberdade e a fatalidade, os direitos do soberano, a formação do estado social, enfim, problemas vitais que colocavam os espíritos em face de questões fundamentais: Em que acreditar? Como agir? É, sempre que essas questões apareciam, outra se interpunha: O que é a Verdade?

Nessa perspectiva, os europeus descobrem outras formas de vida, outras crenças, outras sociedades; aflora-se o desejo de destruir as instituições tradicionais, sobretudo a igreja e o estado, e sobre seus destroços, preparar as fundações de uma cidade futura, um reino de sabedoria e prazer.

A ordem? Que exista, mas tem que ser geométrica! Debates e polêmicas estimulam os ânimos, racionais e religionários se afrontam em um combate que tem por testemunha a Europa pensante, duelo que Pierre Bayle vê como uma disputa por almas. Nesse contexto em que a heresia, não mais solitária e clandestina, ganha adeptos, a negação não é mais sigilosa, mas floresce. Noções estratificadas e recebidas como o consentimento universal que provava a existência de Deus e os milagres, foram colocadas em dúvida.

Desse modo, com Deus desterrado em céus impenetráveis, o homem ocupa o espaço terreno, e somente ele, torna-se a medida de todas as coisas, seu propósito e seu fim. Uma vez o trabalho de demolição iniciado, torna-se imperativo reconstruir o novo edifício, rediscutir princípios e ideias. Eis que *moderno*, a palavra, entra na ordem do dia e tal uma varinha de condão, é mágica: ilustra a rejeição ao passado, ressalta o avanço dos modos, da política e das artes, e, sobretudo, exalta a ideia de felicidade. Nessa toada, proclama-se também o abandono da história em proveito do futuro, uma vez que as versões históricas são demasiado numerosas e variadas para serem verídicas. A história secular, afirmam, é plena de erros e imprecisões quanto a datações e acontecimentos, a exemplo da história bíblica. Tudo parece uma coletânea de erros e fábulas. As afirmações tradicionais são rejeitadas, porém, nada as substituem.

De qualquer modo, era preciso aproveitar os novos ares de mudança, evitar o ceticismo e construir uma filosofia que renunciasse aos sonhos metafísicos, sempre enganadores. Buscava-se uma política sem o direito divino e uma religião sem mistério e sem dogmas. Era preciso fazer com que a ciência não fosse mais um jogo de espírito, mas, de fato, um poder que submetesse a natureza, pois só assim, através da ciência, não se duvidaria mais da felicidade e o mundo assim reconquistado proporcionaria ao homem bem-estar, glória e felicidade no futuro.

À medida que essas ideias fervilhantes tomam de assalto a Europa, seu equilíbrio muda paulatinamente: a França, país da cortesia, da cultura, da riqueza econômica, da “*douceur de vivre*”, da literatura, da língua universal, etc., vê surgir um rival, a Inglaterra, marcando a ascensão das potências do norte, algo que será reforçado com a revogação do Édito de Nantes. O problema religioso tende a se acentuar com a descoberta de outras religiões. É também a descoberta do relativismo. As divergências são enormes mesmo entre os reformados; muitos buscam a união entre os cristãos europeus, mas com a vitória de Guillaume d’Orange e a revogação do Édito de Nantes, os protestantes espalham-se pela Europa, Louis XIV passa a ser visto como perseguidor e o protestantismo torna-se sinônimo de liberdade.

De fato, a partir disso, Hazard mostra como se molda o espírito do homem setecentista, cujas características manifestaram-se muito mais

cedo do que se acredita normalmente, pois à época em que Louis XIV ainda brilhava com toda a força, quase todas as ideias, que se mostrariam revolucionárias em 1760 ou mesmo em 1789, já haviam se manifestado por volta de 1680. Segundo o autor, nesse período ocorre importante crise na consciência europeia: entre o Renascimento, onde tem suas origens, e a Revolução Francesa, que de certa forma prepara, não houve algo similar na história das ideias. A ruptura no pensamento é abrupta: de uma civilização baseada na ideia do dever, dever para com Deus, dever para com o príncipe; os novos filósofos tentam substituir por uma civilização baseada na ideia de direito: os direitos de consciência individual, direitos de crítica, direitos do homem e do cidadão, enfim, direitos da razão.

Hazard dedica bom trecho da segunda parte de sua obra (“Contra as crenças tradicionais”) à razão, palavra cujo sentido se altera à medida que se torna uma faculdade essencialmente crítica. O fato é que a razão reina absoluta no final do século XVII. Considerada como a faculdade maior, que distingue o homem dos animais, parece ilimitada e contribui para fazer tábula rasa do passado. Tenta-se destruir a doutrina formal e os libertinos, esses “filósofos” refinados, sobretudo franceses, tiram proveito da razão e saem à busca de uma vida pacífica, epicuriana. Gassendi, por exemplo, retoma o sistema de Epicuro, de seus átomos e sua alma material, refinando suas ideias e complicando-as. Ao fazê-lo, não só lhes atribui uma dignidade filosófica difícil de ser compreendida, como agrega à tradição antiga, caráter de novidade.

Gassendi, que afrontara Descartes, sai vencido, e seus discípulos, dispersos pela Europa, serão obscurecidos por um novo astro, Locke. Mas o momento é de Descartes, que reina soberano, até que surge Malebranche e sua “evidência racional”, a perfeita luz a qual aspira com um fervor místico, porque para ele o misticismo se alia ao culto da razão. E vem Spinoza, que joga a pá de cal ao afirmar que a religião cristã não passava de um fenômeno histórico, que se explica pelo momento em que se produziu e pelas circunstâncias através das quais se estendeu, ou seja, tinha caráter transitório, não eterno, relativo, não absoluto. Desse modo surge um Deus racional, construído a partir do homem, fundado sobre a ordem universal. O homem salvo será o Sábio.

Segue-se toda uma reflexão sobre a negação dos milagres, cometas, oráculos e sibilas. A aparição de um cometa em 1680 surge como ocasião propícia para que superstições, preconceitos e paixões que subjagam os homens ganhem foro de discussão. Se por um lado conclui-se que as superstições pagãs se prolongaram no cristianismo, por outro, há a glorificação do ateísmo e a constatação de que chega um momento em que é preciso parar de duvidar e continuar a viver. Hazard retoma a discussão

sobre as sibilas ao fazer apelo a Fontenelle e sua história dos oráculos, trata da crença na feitiçaria, algo profundamente enraizado nas almas, comenta o sobrenatural e a reação dos filósofos contra as práticas supersticiosas, algo visto como efeito da filosofia das *Lumières*.

O autor envereda-se ainda pelas questões da exegese bíblica e Richard Simon com sua *Histoire critique du Vieux Testament* (1678), vem à tona. Seguem-se os combates e surge Bossuet com suas refutações a Spinoza e ao próprio Richard Simon. Socinianos e libertinos tiram proveito das ideias de Simon e Bossuet para sustentarem suas opiniões, o que obriga Bossuet a alterar trechos de seu célebre *Discours sur l'Histoire Universelle* (1681).

Leibniz entra em cena: protestante de nascimento, coração católico, sua paixão é a redução da unidade; autor da célebre *Théodicée* (1710), satirizada por Voltaire em *Candide* (1759), Leibniz tem sede enorme de conhecimento e atua em vários domínios da ciência, mas uma de suas grandes preocupações é fazer com que a Europa reencontre sua unidade perdida, com a cisão da Reforma. Para isso busca mostrar as semelhanças entre reformados e católicos, contrapondo-as ao pouco de disparidade que encontra. Não é preciso dizer que o fracasso é retumbante, pois católicos e protestantes jamais se entenderiam. Por outro lado, embora os crédulos sintam-se ameaçados pelos livres pensadores, libertinos e ateus, a fé continua bastante forte, talvez inabalável, afinal, o catolicismo resiste, sem que ainda tenham chegado Bernardin de Saint-Pierre e sequer Chateaubriand.

Em “tentativa de reconstrução” Hazard introduz Locke, sua contribuição para as ideias, seus estudos sobre as questões do tempo e sobre o conhecimento. Em *Essai sur l'entendement humain* (1689), obra-prima em que renuncia à metafísica e propõe a busca de um mundo limitado por aquilo que nossos sentidos podem apreender, seu empirismo e sua influência são profundamente discutidos.

O deísmo e a religião natural também ganham espaço considerável: as origens italianas do deísmo, sua passagem pela França e sua ascensão na Inglaterra, assim como suas características positivas e negativas são amplamente discutidas. Segundo Hazard, seus diversos aspectos e definições resultam da vontade de os deístas conservarem um Deus impreciso, mas real. Assim, o deísmo e a religião natural também são uma tentativa de introduzir um novo sistema, uma maneira de reformular Deus, removendo as restrições das religiões tradicionais. Robert Boyle denuncia a confusão que se cria quando se quer definir o conceito de natureza, Pierre Bayle se recusa a admitir a bondade natural do homem e os próprios deístas não acreditam que agindo livremente num sentido de ordem, garantam a conservação do universo. Resultado? Novas polêmicas e cabeças pensantes

produzem centenas de volumes e milhares de páginas sobre a questão.

O direito natural e os diversos elementos que o constituem como ideia geram mais polêmicas: partidários do direito divino versus partidários do direito natural - e a luta iniciada por eles se tornará cada vez mais consciente, fazendo com que por três quartos de século uma série de grandes livros seja produzida para precisar a doutrina do direito natural. Mais uma vez Locke aparece com seu *Deux traités de gouvernement* (1690) e Fénelon, com *Télémaque* (1699), que não contesta o direito divino, mas representa uma hostilidade profunda contra o absolutismo e em particular contra Louis XIV. De fato, Fénelon é mais ousado: defende os direitos da humanidade.

Na sequência Hazard trata da moral social, da felicidade sobre a terra, de um novo modelo de humanidade e do progresso e triunfo da ciência. Vista com distinção, a ciência mostra a volúpia das leis da natureza e apresenta novas interpretações para o universo. A geometria vira moda, assim como as matemáticas, a medicina e a física. Não por outra razão, o *Journal des Savants*, em 4/ 3/1686, ironiza a mania do dia:

Desde que os matemáticos descobriram o segredo de se embrenharem até pelas ruelas e introduzirem no quarto das damas os termos de uma ciência tão sólida e séria como a matemática, por meio do *Mercuré galant*³, diz-se que o império da galanteria está em derrocada, que só se fala em problemas, corolários, teoremas, ângulo reto, ângulo obtuso, rombóides, etc., e que encontraram recentemente duas senhoritas em Paris, a quem esta modalidade de conhecimento transtornou tanto a cabeça, que uma não quis saber de uma proposta de casamento, a não ser que a pessoa que a pretendia aprendesse a arte de fazer *óculos*, algo que o *Mercuré galant* falou com tanta frequência; e a outra rejeitou um perfeito cavalheiro, porque, dentro do prazo que lhe tinha atribuído, não fora capaz de produzir nada de novo sobre a quadratura do círculo.⁴

Assim, começa um novo século em que a ciência torna-se um ídolo, um mito. Ciência e felicidade se confundem, assim como o progresso natural e a moral. Surge um novo modelo de humanidade que promove a felicidade, a desenvoltura e a despreocupação. A polidez, as boas maneiras e o culto ao espírito ganham espaço. A razão insufla nos homens seu poder crítico. Deus não comanda mais as criaturas, são as criaturas que “anexam” Deus. A primazia da nobreza cede lugar ao burguês e o comerciante trabalhador ocupa o lugar do herói guerreiro.

E por fim, Hazard se debruça sobre “os valores imaginativos e

³ Revista mundana fundada em 1672 por Jean Donneau de Visé.

⁴ Depuis que les mathématiciens ont trouvé le secret de s'introduire jusque dans les ruelles, et de faire passer dans le cabinet de dames les termes d'une science aussi solide et aussi sérieuse que la mathématique, par le moyen du *Mercuré galant*, on dit que l'empire de la galanterie va en déroute, qu'on n'y parle plus que de problèmes, corollaires, théorèmes, angle droit, angle obtus, rhomboïdes, etc.; et qu'il s'est trouvé depuis peu deux mademoiselles dans Paris à qui ces sortes de connaissances ont tellement brouillé la cervelle, que l'une n'a point voulu entendre une proposition de mariage, à moins que la personne qui la recherchait n'apprît l'art de faire des lunettes, dont le *Mercuré galant* a si souvent parlé; et que l'autre a rejeté un parfaitement honnête homme, parce que, dans le temps qu'elle lui avait assigné, il n'avait pu rien produire de nouveau sur la quadrature du cercle (HAZARD, 1861 : 291) – Tradução minha.

sensíveis”, isto é, traça o perfil de uma época sem poesia, que, sob o triunfo da crítica, abre-se a uma era de esterilidade. Surge Pope e seu *Essai sur la critique* (1711), a poesia entra em letargia. O lado pitoresco da vida ocupa a imaginação de várias maneiras, busca-se não mais a moralidade, mas o caráter e sua energia vital. Na literatura europeia, surge uma corrente burlesca; é a época do riso e das lágrimas. É o riso no teatro, a comédia de Regnard, e, por outro lado, a sensibilidade começa a se manifestar abertamente. Surge uma heroína pré-romântica, a presidente Ferrand, e há o triunfo da ópera, gênero em que os italianos gozam de favores particulares.

Num contexto mais amplo, divulga-se pela Europa uma interpretação ideológica: ideias literárias, artísticas e filosóficas circulam por todo o continente, mas não se impõem uniformemente em cada país. As grandes correntes filosóficas continuam as mesmas, assim como as tradicionais oposições. A glória de cada país é diferente e muito frequentemente travam-se batalhas para reivindicar a prioridade de um determinado conceito ou intuição.

De qualquer modo, a Europa de 1715, encerramento do ciclo proposto por Hazard, é um conjunto de países em guerra permanente, ainda que Leibniz e o abade Saint-Pierre proponham, cada um a seu modo, acordos de paz, que serão vistos como utopia. Os homens, de fato, não querem, ou não têm vontade de fazer a paz.

Concluindo: em *La Crise de la conscience européenne*, Paul Hazard explica a mudança psicológica ocorrida em uma França marcada pelo senso de autoridade, a crença nos dogmas, a fidelidade à Igreja e ao rei, para uma França marcada pelo reino da Razão, a dúvida, a liberdade individual, a rejeição às instituições, à Igreja e às verdades tradicionais. Nos bastidores de todas essas mudanças, as grandes batalhas intelectuais ocorridas antes de 1715: Spinoza, Bayle, Locke, Newton, Bossuet, Fénelon e outros estavam no centro desse furacão **que produziu um poderoso conjunto de ideias como** o racionalismo, o pensamento anticlerical, o sentimento antirreligioso, a igualdade, a liberdade individual, os direitos humanos e a cidadania. Enfim, uma nova ordem de ideias que fez do século XVIII um século de rupturas por excelência.

Traduzida para o português e publicada em 1948 (*A Crise da consciência europeia: 1680-1715*. Tradução e notas de Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1948), a obra de Paul Hazard aguarda (e merece) uma publicação atualizada nos trópicos, tal a sua importância para os estudos filosófico-literários.